



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ARTES

LICENCIATURA EM DANÇA

PIETRA TENÓRIO DO NASCIMENTO

**UMA ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES PERFORMÁTICAS DE TRAVESTIS
ARTISTAS NO SISTEMA COLONIAL MODERNO DE GÊNERO**

Recife

2021

PIETRA TENÓRIO DO NASCIMENTO

**UMA ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES PERFORMÁTICAS DE TRAVESTIS
ARTISTAS NO SISTEMA COLONIAL MODERNO DE GÊNERO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Orientador: Profº Esp. Diogo Lins de Lima

Recife
2021

PIETRA TENÓRIO DO NASCIMENTO

**UMA ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES PERFORMÁTICAS DE TRAVESTIS
ARTISTAS NO SISTEMA COLONIAL MODERNO DE GÊNERO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Aprovada em 26 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profº Esp. Diogo Lins de Lima - Orientador
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profª Sophia William Siqueira do Nascimento - Membro Externo
Coletivo Agridoce de Dança-Teatro

Profº Ms. Jefferson Elias de Figueirêdo - Membro Interno
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Para todas àquelas que apesar das estatísticas
se mantêm vivas e àquelas que entre nós não
sobreviveram: este grito também lhes
pertence!

AGRADECIMENTOS

Minha mãe, minha vida, pela paciência, pelo acolhimento e pelo amor dado todos os dias, me estimulando sempre a prosseguir e lutar para alcançar meus objetivos, sem ela eu não teria conseguido nada;

Minha irmã Fernanda e irmão Hiago, meus amores, por serem parte da minha vida. Sou muito mais porque tenho vocês;

Prince e Hannibal meus cachorrinhos companheiros de longos anos;

Meu orientador, Prof^ª. Diogo Lins, pelo acolhimento, dedicação, companheirismo, empenho e “puxões de orelha”, sem a sua contribuição este trabalho não teria sido possível;

Riqueza e Samuel, meus amores, que caminham lado a lado comigo fazendo crer em minhas potencialidades Agradeço também por cada sorriso e por todas as provocações;

Matheus, meu solzinho, pelo carinho, cuidado, amor e pela luz que esse encontro me proporciona;

Ricardo, meu beibe, pelo prazer que foi este encontro e pelos momentos lindos que vivemos. Obrigada por todo carinho e amor que dedicou a mim;

John, obrigada por toda dedicação, boas risadas, estímulo e generosidade;

Alec, Cris, Helen, Marlos e Pires os melhores afetos e companheirismo que encontrei no Rio de Janeiro, obrigada pelo encontro e a partilha de amores;

Wesley, Iara, Lui, pela presença, carinhos e momentos vividos. Sou grata demais;

Anderson, Hállida, Clarinha, Silas, Juliana, Kevin meus amores da vida, com vocês dividi momentos incríveis e inesquecíveis;

Carine, minha companheira do tempo de escola, com quem dividi ótimas conversas e momentos que passamos juntas em minha adolescência até hoje;

Aninha, Lídia, Amanda, Victória e Laurinha, obrigada pelo amor, confiança e convivência;

Sophia William, minha mãezinha, obrigada pela experiência que é ser sua amiga;

Aquilio Durastanti pelo apoio constante e dedicação à minha família;

Rafaela Firmo, linda e maravilhosa, *la regina di Roma*, obrigada por ter me permitido ser sua amiga e ter me inspirado para ser quem sou;

Márcia Virgínia, Letícia Damasceno e Roberta Ramos, por serem inspirações enquanto docentes;

Minha madrinha Ana Maristela, Larissa e Léo, obrigada por me darem tanto amor;

Aos meus amigos que direta ou indiretamente fazem parte dessa jornada; Minhas avós pelo amor e carinho;

Catarina, Naomi e Thayná pela generosidade de fazerem parte deste trabalho;

Aquelas que já se foram, mas permanecem vivas dentro de nós, permitindo-me fazer deste trabalho um momento histórico.

“Não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas amontoadas, clamando por justiça, em becos infinitos em todos os lugares. Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata”

(Jota Mombaça)

RESUMO

TENÓRIO, Pietra. UMA ANÁLISE DAS POTENCIALIDADES PERFORMÁTICAS DE TRAVESTIS ARTISTAS NO SISTEMA COLONIAL MODERNO DE GÊNERO, 2021. Monografia - Curso de Licenciatura em Dança. Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

A presente pesquisa tem como objetivo investigar como travestis da cidade do Recife conseguem romper com os paradigmas de marginalização imposto pela sociedade cisheteronormativa. A cena artística de Recife é o campo de investigação deste trabalho, tendo como recorte as produções artísticas das travestis que atuam no campo da Dança, do Teatro, da Performance e nas fronteiras entre diversas linguagens artísticas, na cidade. A etnografia é a base metodológica desta pesquisa, cujo desenvolvimento se deu por meio da observação e de entrevistas semiestruturadas com três travestis que vem produzindo artisticamente na cena local. Com isso, pretendemos evidenciar as potencialidades das travestis dentro de um CISTema que nos exclui, marginaliza, reprime e que mata, dentre outras atrocidades. Centralizar as potencialidades das mulheres trans e travestis é uma maneira de narrar outras histórias sobre essas corpos, que não a morte. Nesse sentido, entende-se que as potencialidades das travestis são capazes de criar fissuras no CISTema, criando outras epistemologias, como as epistemologias travestis. Para tanto, o aporte teórico é constituído, majoritariamente, de autoras trans e travestis, além de autoras cisgêneras dissidentes de gênero. Este trabalho demonstra como o CISTema ao longo dos anos atualiza formas de opressão e repressão aos corpos trans e travestis. Apesar disso, constatamos que as alianças entre as pessoas que são alvo dessas formas de subalternização é uma maneira de fissurar as lógicas impostas pelo CISTema.

Palavras - chave: Travestilidades. Potencialidade. CISTema. Subalternização.

ABSTRACT

The present research aims to investigate how travestis in the city of Recife manage to break away from the paradigms of marginalization imposed by the cisheteronormativity society. The artistic scene of Recife is the field of investigation of this work, focusing on the artistic productions of travestis who work with dance, theater, performance and on the borders between different artistic languages in the city. Ethnography is the methodological basis of this research, which was developed through observation and semi-structured interviews with three travestis who have been producing artistically in the local scene. The production of these artists highlights the potentialities of travestis within a CISTem that excludes, marginalises, represses, and kills, among other atrocities. Focusing on the potentialities of trans women and travestis is a way of telling other stories about these bodies, other than death. In this sense, it is understood that the potentialities of travestis can create fissures in the CISTem, addressing other epistemologies, such as travestis epistemologies. To this end, the theoretical contribution is mostly made up of transgender and travestis authors, as well as gender dissident cisgender authors. This work demonstrates how the CISTem over the years updates forms of oppression and repression to trans and travestis bodies. Despite this, we find that the alliances between people who are the target of these forms of subalternation is a way to fissure the logics imposed by CISTem.

Keywords: Travestilidades. Potentialities. CISTem. Subalternation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CISGENERIDADE: O SISTEMA COLONIAL MODERNO DE GÊNERO.....	13
1.1 O LUGAR DE FALA DE UMA TRAVESTI PRETA NA ACADEMIA.....	13
1.2 O SISTEMA COLONIAL MODERNO DE GÊNERO.....	15
1.3 A CISGENERIDADE SUBJUGA AS VIDAS TRANS E TRAVESTIS, NÃO ACREDITAM EM NOSSAS POTENCIALIDADES.....	18
2. TRAVESTILIDADE: O QUE É SER TRAVESTI?.....	21
2.1 NÓS POR NÓS MESMAS DISCUTINDO NOSSAS SUBJETIVIDADES.....	21
2.2 TRAVESTIS NÃO SÃO INVISÍVEIS, SÃO APAGADAS.....	26
3. A POTENCIALIDADE DAS TRAVESTIS: QUEM TEM MEDO DELAS?.....	29
3.1 ENCORAJADA PELAS MINHAS IRMÃS A SEGUIR ACREDITANDO NAS NOSSAS POTENCIALIDADES.....	31
3.2 AQUELAS QUE CAUSAM FISSURAS NO SISTEMA.....	32
3.3 CATARINA ALMANOVA.....	33
3.4 NAOMI LEÃO.....	37
3.5 THAYNÁ LOPES.....	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

O meu interesse em investigar as potencialidades das performatividades trans e travestis numa sociedade estruturalmente cisgênera se deu a partir das minhas vivências enquanto artista, travesti, preta, periférica, moradora da cidade de Camaragibe, Região Metropolitana de Recife. Sou uma travesti que resiste às estatísticas de assassinato e de evasão escolar da população trans e travesti impostas pela sociedade cisgênera.

Esta escrita é um ato de resistência à cisheteronormatividade, mas é também um convite às pessoas cisgêneras para um diálogo sobre as potencialidades da performatividade travesti. Não estou aqui para falar de mortes, de assassinatos, de humilhações e de exclusão, embora esses marcadores façam parte das nossas vidas. Este trabalho está centrado nas potencialidades de mulheres trans e travestis que criam fissuras por meio das suas produções artísticas.

Esta pesquisa tem o objetivo de refletir as estratégias trans e travestis para se firmar como artistas dentro do CISTema Colonial Moderno de Gênero. O recorte desta análise é a cena artística de Recife, que por sua estrutura cisgênera exclui nossas produções e nos negam o acesso. Neste trabalho, ressalta-se as potencialidades das travestis como um modo de resistência às tentativas constantes de exclusão dos nossos corpos e das nossas potências criativas. Sendo assim, problematizo de que maneira as potencialidades da performatividade travesti criam fissuras no CISTema Heteronormativo em contextos artísticos da cidade do Recife?

Esta pesquisa contribui para o campo dos Estudos Trans como mais uma pesquisa desenvolvida por uma travesti sobre o tema das travestilidades. Além disso, para o campo da Dança, a relevância consiste em apontar a necessidade de novas pesquisas sobre o tema nas artes cênicas. Sem dúvida, ainda há muito pela frente para que a discussão de gênero e sexualidade ganhe força na Dança.

A importância desta pesquisa para o Curso de Dança da Universidade Federal de Pernambuco consiste em centralizar as produções artísticas de pessoas trans e travestis como protagonistas das suas próprias produções, invertendo a lógica cisgênera de nos colocar como objeto de estudo dos seus interesses egóicos. Até onde há registro, esta é a segunda pesquisa desenvolvida no Curso de Dança com este tema. A primeira foi desenvolvida por Sophia William, travesti, preta, periférica e artística das artes do corpo, em 2015. Cabe ressaltar que

sou a terceira travesti a se formar no Curso de Dança da UFPE. Antes de mim, se formaram Sophia William e Iara Izidoro.

A etnografia é a base metodológica desta pesquisa, cujo desenvolvimento se deu por meio da observação e de entrevistas semiestruturadas com três artistas que se declaram enquanto travesti e mulher trans que vem produzindo artisticamente na cena local. Reconheço que há muitas mulheres trans e travestis produzindo artisticamente na cena de Recife, desse modo, utilizei como critério de escolha para as entrevistas, as meninas com quem eu tenho afinidade, que são minhas parceiras de vida. A partir das suas produções artísticas compreendemos as singularidades e as potências de cada uma.

O aporte teórico desta pesquisa é constituído, majoritariamente, de autoras trans e travestis, com isso TRANScentramos esta discussão. Ou seja, as reflexões sobre a cisgeneridade, as travestilidades e as potencialidades de pessoas trans e travestis são discutidas a partir de um referencial teórico escrito por nós mesmas. Constam neste referencial: Letícia Nascimento (2021); Sofia Favero (2020); Helena Vieira (2017); Amara Moira (2017); Jaqueline Gomes de Jesus (2012) e autoras não-binárias como Jota Mombaça (2021).

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo discorro sobre o CISTema Colonial Moderno de Gênero, cujo eixo estruturante é cisgeneridade. Neste capítulo aponto alguns mecanismos de opressão dos corpos trans e travestis atualizados por esse CISTema. Para tanto, dialogo com autoras trans e travestis para juntas nomearmos os modos de operação desse CISTema sobre nossos corpos.

No segundo capítulo escrevo conceituando as identidades de mulheres trans e travestis dentro do CISTema. Trago autoras trans e travestis para TRANScentrar a discussão a partir das nossas próprias escritas, das nossas vivências, dos nossos modos de existir no mundo. Neste capítulo somos nós por nós, a conceitualização ganha nomes, identidades, cor e classe na discussão.

O terceiro capítulo é resultado de uma escrita coletiva, entrevistei três travestis que estão fissurando o CISTema por meio das suas produções artísticas numa cidade em que a cena é estruturalmente cisgênera. As chamo de coautoras porque as suas histórias me ajudaram a escrever este trabalho.

1. CISGENERIDADE: O SISTEMA COLONIAL MODERNO DE GÊNERO

Neste capítulo trato do CISTema Colonial Moderno de Gênero como um modo de atualização dos mecanismos da cisgeneridade nos dias atuais. O alvo desse CISTema¹ são os corpos trans e travestis, as investidas é para exterminar nossas existências. Isso ocorre desde a negação da nossa condição humana, quando o CISTema nos desumaniza para justificar seus ataques às nossas subjetividades; até a invisibilidade dos casos de transfeminicídios nos noticiários.

É urgente que pessoas trans e travestis possam falar sobre suas experiências dentro da academia, nossas vivências precisam ser legitimadas como conhecimento. Para que isso aconteça nós estamos resistindo a todas as formas de exclusão e de negação. Juntas, estamos construindo uma produção científica que questiona, problematiza e reivindica nosso protagonismo como produtoras de conhecimento, estamos saindo do lugar de objeto de pesquisa para assumirmos o lugar de pesquisadoras.

1.1 O LUGAR DE FALA DE UMA TRAVESTI PRETA NA ACADEMIA

Escrevo a partir das minhas vivências, da minha própria experimentação dentro de um CISTema que subordina a minha natureza, que investe em mecanismos que negam a minha humanidade. Enquanto travesti falo a partir da minha própria carne, fabricada em meio a gritos diversos de dores, alegrias, esperanças, saudades, sonhos e esquecimentos.

Sou Travesti, Preta, Periférica, Artista, Educadora, e reivindico dentro do CISTema o meu direito de falar sobre as minhas experiências, sobre as nossas vivências e potencialidades. Não admitimos mais que a cisgeneridade nos silencie, vamos falar e ponto! Djamila Ribeiro, em seu livro *O que é Lugar de Fala?* pontua o seguinte:

É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do *feminist standpoint*: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos

¹ É um termo utilizado por pessoas trans dentro e fora da academia para destacar o nosso sistema sociocultural é estruturalmente cisgênero.

lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social (RIBEIRO, 2017, p. 64).

Historicamente fomos silenciadas pelo CISTema, no entanto, há um movimento de resistência às tentativas de exclusão dos nossos corpos. Estamos ocupando e dominando os lugares de enunciação dentro e fora da academia. Inspirada por mulheres trans e travestis como Viviane Vergueiro, Letícia Nascimento, Sofia Favero, Thiffany Odara, Dodi Leal, dentre outras, estou aqui para falar, para ocupar e provar que nós estamos vivas e vamos chegar ainda mais longe.

Assim como essas autoras desenvolveram trabalhos acadêmicos a partir do lugar de fala de cada uma, dedico-me, nesta escrita, a refletir sobre as nossas potencialidades na cena artística de Recife. A arte travesti é um meio de resistência ao CISTema que mata, exclui, marginaliza e impede que pessoas trans e travestis possam produzir e difundir suas produções artísticas.

Em seu artigo *A ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais*, Sofia Favero (2020) ressalta a mudança que há quando pessoas trans e travestis deixam de ser objetos de pesquisas da cisgeneridade, e passam a ser pesquisadores e pesquisadoras das suas próprias experiências. Trata-se de um processo que reconhece pessoas trans e travestis como produtoras de conhecimento. Desse modo, todas as vezes que nós produzimos trabalhos acadêmicos, artísticos, ou de outra natureza, estamos sedimentando as epistemologias trans e travestis como campo de conhecimento.

No entanto, preciso dizer que escrever é um processo difícil para mim, passei horas tentando iniciar este capítulo sobre a cisgeneridade, e me perguntei diversas vezes como eu poderia iniciá-lo. Li e reli textos, escrevi e apaguei, até que aos poucos as primeiras palavras começaram a ganhar força política nesta escrita. Compreendo que a escrita desta monografia é um ato político. Por meio dele mais uma travesti passa a concluir o ensino superior. Contudo, o processo é árduo, é como se houvesse sempre um grande conflito entre aquilo que queremos tornar evidente e aquilo que serve como proteção das nossas vivências. Thifanny Odara, travesti, pedagoga, preta, periférica da cidade de Salvador, em seu livro *Pedagogia da Desobediência: travestilizando a educação*, diz o seguinte:

A escrita, porém, causa-me muita dor e sofrimento, pelas dificuldades do exercício de escrever. Mas, traço aqui uma narrativa que, para além da decodificação de códigos, revela uma potência [...] mesmo através das dores

e catástrofes que me atingiram [...] contudo, o ato de dor me fez confrontar todos esses domínios. (ODARA, 2020, p. 17).

Em consonância com a autora, ressalto que verbalizar me deixa mais segura e me faz ir mais além do que o ato de escrever, talvez seja por causa da escassez de leituras e de exercícios de escrita no período da educação básica, ou até mesmo os traumas que me fizeram desacreditar em minha potencialidade. Desde criança gostei de escrever, sonhava em ser escritora, escrevia pequenos contos para algumas pessoas da minha família.

Neste trabalho, a escrita ganha força política ao convocar as pessoas trans e travestis para juntas refletirmos sobre as nossas potencialidades. Além disso, convidamos as pessoas cisgêneras para o diálogo, para nos verem além das estatísticas de transfeminicídios. O Cistema Colonial Moderno de Gênero não vai me calar, eu vou falar, e espero que todos vocês me ouçam!

1.2 O CISTEMA COLONIAL MODERNO DE GÊNERO

Desde a minha infância tive uma experiência dolorosa com o enquadramento de performance social dentro do Cistema Colonial Moderno de Gênero. A crueldade de não poder me autodefinir, já que não me reconhecia no papel de gênero masculino que me era imposto, geraram traumas presentes até os dias de hoje. A minha vontade de performar a feminilidade ia de encontro aos moldes de feminilidade cisgênera, instaurados até hoje em nossa sociedade. Esse padrão normativo é opressor, violento e inferioriza as pessoas que vão contra essas diretrizes.

O Cistema Colonial Moderno de Gênero tem a cisgeneridade como eixo estruturante e normativo dos processos socioculturais no mundo. A cisgeneridade compreende-se como norma, como um gênero natural, um corpo adequado aos princípios cisheteronormativos do conceito de família, de convivência social, de classe. O pensamento Cis é colonial. O principal alvo do seu processo colonizador é a subjetividade de pessoas trans, travestis, não-binaries e pessoas que não performam as suas normas.

A respeito da cisgeneridade como produtora de gêneros naturais, Letícia Nascimento, mulher travesti, negra, gorda, pedagoga, doutoranda em Educação e professora da

Universidade Federal do Piauí (UFPI); no seu livro *Transfemismo*, lançado neste ano. Diz o seguinte:

A cisgeneridade confere a si mesma uma condição naturalizada de produção de seus gêneros, entendendo-se como norma, em termos universais. Na verdade, por vezes, o delírio cisgênero é tão assustador que sequer se marcam como corpos genereficados, dada a incontestável naturalidade essencial de suas subjetividades. As pessoas cisgêneras ocultam, mascaram, dissimulam seus processos de gênero, marcando as pessoas trans* como artificiais e em uma perspectiva subalterna de identidade de gênero. (NASCIMENTO, 2021, p. 101)

Levando em consideração que o privilégio cis é estrutural, e vem de um contexto histórico-cultural, que se interliga ao passado, ao presente e, provavelmente, ao futuro. Cabe, então, considerar a cisgeneridade como um marcador atuante no tecido social, fabricando modos de existências normativos. Ou seja, a cisgeneridade é um sistema compulsório de controle, mas, me atrevo a pensar e a colocar a família tradicional e a religião como as principais instituições desse controle. É nessas instituições, incluindo a escola, que experimentamos as violências praticadas em nome desse controle.

São inúmeros os casos nos quais ficamos expostas à orgia egóica da cisgeneridade. Antes mesmo de nascermos, todas as pessoas passam por uma cirurgia linguística chamada ultrassom que pré-configura os usos possíveis de nossos corpos de acordo com órgãos genitais. Nesse sentido, a cisgeneridade estabelece uma roteirização de comportamentos sociais e culturais a serem seguidos pela sociedade.

Essas construções socioculturais, numa relação de poder, nos levam a refletir sobre como as feminilidades e as masculinidades são construídas a partir das marcas deixadas pela colonialidade de gênero, impondo uma lógica binária de gênero. Cabe ressaltar que o padrão binário de gênero é extremamente excludente para os corpos que não se enquadram no padrão cisheteronormativo.

A compulsoriedade de padronização da cisheterossexualidade ganha espetacularização, nos dias de hoje, através dos chás de revelação, por exemplo. Comemorar o gênero da criança a partir de sua genitália, e decidir o que ela deve ser a partir disso, é uma imposição do CISTema Colonial Moderno de Gênero, que compreende a existência a partir do gênero binário.

Desse modo, a performance social e de gênero dessas pessoas é compreendida a partir da ideia de que para ser homem é preciso ter pênis, e para ser mulher é preciso ter vagina. Infelizmente, este entendimento resulta em proibições e regulamentação das performatividades que não se ajustam dentro desse CISTema.

Enquanto escrevia este capítulo minha mãe veio até o meu quarto e falou que meu irmão faria um “chá de revelação” pois a esposa dele está grávida e queriam saber se era menino ou menina. Perguntei a minha mãe desde quando ela é cis. Houve uma pausa, um silêncio. Retruquei e perguntei quando foi que ela descobriu que era cis, e comecei a explicar os motivos pelos quais os “chás de revelação” é problemático.

Esse ritual atribui uma importância excessiva à genitália da criança. Há uma visão por trás do “chá de revelação” que reforça uma dicotomia perigosa entre masculino e feminino. A genitália da criança é apenas uma questão de anatomia. Não deve ser algo que limita nem define uma pessoa. É o mesmo que anunciar que uma criança tem cabelo loiro ou olho azul. O que importa o que um bebê tem entre as pernas?

Essas festas também têm um impacto negativo sobre as pessoas trans. Este tipo de “revelação” faz com que as pessoas trans se sintam excluídas. Alexandre Saadeh, coordenador do Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS) do Hospital das Clínicas, em São Paulo, afirma que uma criança passa a se reconhecer como homem ou mulher, ou mesmo como algo intermediário entre esses dois pólos, entre os 3 ou 4 anos de idade. Logo, podemos considerar equivocada a “revelação” desses chás.

Antes de nascerem as crianças são encaixadas em um esquema de padrão de gênero, pressupondo que uma criança nascida com pênis gostará de “coisas de menino”, instituindo valores binários, valores esses que é ter que gostar de futebol, brincar com carrinhos, jogar bola, empinar pipa e como conquistar uma menina e saber a diferença entre uma “mulher para a diversão” e uma “mulher para se casar e constituir família”.

Já a criança nascida com vagina deverá seguir as regras que normatizam o feminino, e como elas devem performar suas feminilidades. Além disso, procuram naturalizar padrões sexistas e machistas que as inferiorizam em todos os papéis sociais. Assim, mesmo nas brincadeiras, elas já começam a exercer papéis do “feminino” impostos por esta sociedade, como arrumar a casinha e fazer comidinha.

Ao considerarmos a cisgeneridade um sistema colonizador, uma normatividade colonial, a hegemonia e a padronização da performance social cisheteronormativa interfere diretamente na vida de pessoas trans e travestis, que passam a ser definidas pelo CISTema como “artificiais”, como nos informa Letícia Nascimento:

A pesar de todos os gêneros passarem por um processo de materialização a partir de práticas discursivas sobre o sexo, os corpos cis gozam de um privilégio capaz de colocá-los em uma condição natural, como sexo/gênero real, verdadeiro, na medida em que as transgeneridades são caracterizadas como uma produção artificial e falseada da realidade cisnormativa. (NASCIMENTO, 2021, p. 97).

A sentença que nos coloca como produção artificial corrobora as tentativas do CISTema em negar a nossa humanidade. É uma maneira de colonizar as mentes de travestis e mulheres trans que compulsoriamente tentam se enquadrar em uma normatividade de “naturalização” do corpo, obtendo, assim, uma passabilidade² no CISTema Colonial Moderno de Gênero, reforçando que os corpos ciscigêneros são naturais e os corpos transgêneros, artificiais. Para tanto, precisamos descolonizar a conduta ciscigênera e “desafinar o coro daqueles que contentemente acreditam que seus gêneros são naturais, afirmando a artificialidade de produção de todas as corporalidades e subjetividades.” (NASCIMENTO, 2021).

A hegemonia e a padronização da cisheterossexualidade afeta diretamente a vida de muitas pessoas da nossa sociedade. A perversidade na qual as instituições de poder desumaniza, oprime, violenta, discrimina, inferioriza, subordina e mata pessoas que não são vistas como cisheterossexuais, é extremamente doloroso. A norma é imposta pelo CISTema e deve ser seguida a risco, caso contrário você será vigiado até ser exterminado. Jota Mombaça, em seu livro *Não vão nos matar agora*, diz o seguinte sobre a norma:

Nomear a norma é o primeiro passo rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência, porque a norma é o que não se nomeia, e nisso consiste seu privilégio. A não marcação é o que garante às posições privilegiadas (normativas) seu princípio de não questionamento, isto é: seu conforto ontológico, sua habilidade de perceber a si como norma e ao mundo como espelho. (MOMBAÇA, 2021, p.75).

² Termo é usado para se referir ao quanto um homem ou uma mulher trans "passam por" um homem ou mulher ciscigênero.

Essa normatização da corporeidade natural da cisgeneridade acarreta em tentativas constantes de subordinação das subjetividades que escolheram cruzar as fronteiras binárias de gênero, a norma impede que outras performatividades habitem a sociedade. A cisgeneridade se coloca como gênero original, algo a ser seguido, a ser almejado, tudo que não se enquadra nas suas normas é exterminado.

É indiscutível que vivemos sob parâmetros da cisheterossexualidade, esta exigência é presente em nossas vidas até mesmo antes do nosso nascimento. Em outras palavras: a cisheterossexualidade é um regime político e compulsório, que subordina, que exclui, que humilha e mata. Os padrões do CISTema Colonial Moderno de Gênero são instaurados em nossa sociedade, não como uma escolha, mas como uma ordem.

1.3 A CISGENERIDADE SUBJUGA AS VIDAS TRANS E TRAVESTIS, NÃO ACREDITAM EM NOSSAS POTENCIALIDADES

A cisgeneridade sempre teve fetiche nas existências trans e travestis, fazem da nossa existência objeto de prazer, estudam nossas formas de existir, mas negam a possibilidade de sermos pesquisadoras. Sofia Favero, em seus escritos, ressalta que há três décadas travestis e mulheres trans têm sido interpeladas por pesquisas de antropólogos, psicólogos, cientistas sociais e médicos. Alguns desses trabalhos serviram para retratar a condição precária em que estavam situadas, expondo os seus contextos culturais e econômicos, mas nunca as suas potencialidades. Abordar apenas o tema sobre a marginalização de pessoas trans e a exclusão social delas é um ato irresponsável da cisgeneridade que precisa deixar de ser normalizado.

Performar a travestilidade em um país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo, me faz sentir na pele a violência, o abandono e a marginalização explícita para com meu corpo, que rompe com padrões de gêneros cisnormativos. Conforme vou performando a travestilidade nas ruas, em casa e nas redes sociais identifico os processos de marginalização impostos à minha comunidade pelo CISTema Colonial Moderno de Gênero.

Desse modo, faço alguns questionamentos a fim de nos movermos para além de uma teorização sobre as nossas vidas. Poderiam, então, travestis e mulheres trans com suas potencialidades ocupar cargos em um CISTema Colonial Moderno de Gênero? Poderiam elas romper com os conceitos instaurados pela colonização e extermínio de corpos? Por que a cisgeneridade não consegue lidar com nossas performatividades? Poderia eu, travesti,

transgredir os conceitos e fazer minha voz ecoar no mundo? Poderia nós, mulheres trans e travestis, realizar uma insurreição contra o CISTema Colonial Moderno de Gênero? É urgente fazer ecoar no mundo as nossas potencialidades, reivindicamos outros lugares para além da sexualização dos nossos corpos.

Percebe-se o quão a cisgeneridade é responsável pela precarização das vidas trans e travestis. É no mínimo doloroso esbarrar com as desigualdades produzidas pelo CISTema, sobretudo por saber onde essas histórias se encerram. Não é de difícil compreensão que travestis e mulheres trans morrem todos os dias e sofrem violência física e psicológica a vida toda.

Enquanto eu escrevia esta monografia, mais precisamente no dia 09 de julho de 2021, Pernambuco registrou 4 casos de transfeminicídio e 5 tentativas neste período. Não são apenas números, são pessoas com histórias e sonhos que deixarão de ser realizados; Kalyndra Raelly, de 26 anos, era negra, artista e performer de Recife. Ela sempre fazia shows reivindicando e trazendo a arte como resistência ativa nos espaços LGBTTQIA+. Roberta da Silva, de 32 anos, era uma travesti negra que vivia em situação de rua, e se abrigava no Cais de Santa Rita, um dos terminais mais movimentados do Centro da Cidade do Recife. Cirsmilly Pérola, de 37 anos, também conhecida como Piu-piu, era uma travesti negra, trabalhava como cabeleireira e era muito querida pela família e amigos da Várzea, em Recife. Fabiana da Silva Lucas, de 30 anos, era natural da Paraíba, mas morava no município de Santa Cruz do Capibaribe, no Agreste pernambucano. No Brasil, Pernambuco é o estado que mais possui mecanismos de proteção para as pessoas LGBTQIA+.

Pessoas cis usam do conceito de “lugar de fala” como uma desculpa para justificar a ausência de posicionamento sobre a deshumanização de travestis e mulheres trans, a cisgeneridade se ausenta de ações em prol da população trans e travesti, dizendo que esta luta é somente nossa, mas esquecem que são eles os privilegiados pelo CISTema.

Penso que um dos mecanismos de crueldade que é constantemente atualizado no CISTema Colonial Moderno de Gênero é o lucro das pessoas cis sobre nossos corpos. Estão sempre tentando promover essa ilusória reputação de pessoas éticas e respeitadas, colocando-se como aliadas até que esta aliança não incomode seus privilégios cisgêneros. Cabe as pessoas cis reconhecerem seus privilégios e desenvolverem ações políticas consistentes para além de textos de apoio na redes sociais. A cisgeneridade precisa se retratar

com todas as pessoas violentadas pelos mecanismos de subordinação do CISTema Colonial Moderno de Gênero.

Por fim, destaco que apesar de todas as investidas da cisgeneridade contra nossos corpos, vamos continuar lutando, vamos continuar nos amando, nos fortalecendo, ocupando todos os lugares. O CISTema Colonial Moderno de Gênero pode até ser invencível, mas já identificamos seus modos de operar sobre nossos corpos. Decolonizar esse padrão cisheteronormativo abrirá caminhos para uma construção da cidadania de travestis e transexuais.

Precisamos possibilitar a entrada de pessoas trans e travestis nas universidades públicas e garantir a sua permanência como um modo de reparação histórica a todos os processos de subordinação na qual fomos direcionadas. A cisgeneridade deveria utilizar do seu privilégio para colaborar com pessoas trans e travestis, abrindo vagas de emprego para nós, possibilitando o acesso aos bens culturais e a educação.

2. TRAVESTILIDADES: O QUE É SER TRAVESTI?

Neste capítulo reflito sobre as subjetividades e as vivências de mulheres trans e travestis a partir dos nossos entendimentos, das formas como vivenciamos as nossas identidades. O debate é TRANScentrado. Somente autoras trans e travestis ganham relevância nesta discussão, a cisgeneridade é convidada a ouvir, a refletir sobre seus impactos em nossas vidas. Apresento também os diversos desafios encontrados por aquelas que decidem viver a travestilidade apesar das normas cisgêneras. Parafraseando nossa eterna Luana Muniz: travesti não é bagunça!

2.1 NÓS POR NÓS MESMAS DISCUTINDO NOSSAS SUBJETIVIDADES

O que é ser travesti? Essa é uma pergunta com muitas respostas. Não existe uma regra de performatividade que determina quem é travesti ou não. O conceito de travestilidade é ainda recente no campo das conceituações acadêmicas, mas existe desde sempre. Para que esta discussão ganhe mais consistência é importante refletir sobre a pergunta: o que é ser travesti? a partir das próprias travestis, daquelas que se auto definem enquanto tal “[...] preciso também assumir que não me interessa tanto saber o que é Travesti, mas como nós, Travestis, dispensamos (deixamos de pensar) o Mundo Moderno para conseguir sermos travestis”. (BRASILEIRO, 2020).

É importante destacar que a sociedade cisgênera cria no imaginário coletivo o que é ser travesti, inclusive, criam imagens deturpadas sobre as nossas subjetividades, nos colocam como monstras e artificiais. As pessoas cis ousam em querer nos enquadrar em definições baseadas em perspectivas cisgêneras. Helena Vieira, ativista transfeminista, em entrevista concedida ao Nexo Jornal, diz o seguinte sobre as possíveis definições das nossas existências:

[...] nós temos um conjunto de definições [...] as pessoas que viviam de desacordo com as expressões de gênero, com as percepções de gênero, com a corporalidade do gênero cisgenero, elas se denominavam travesti. Tínhamos travestis que estavam na rua, que faziam shows e essa identidade se constitui, ela vem se construindo e modificando ao longo dos tempos. [...] Se você pensa no imaginário, você pensa na travesti naquela que se prostitui na rua e anda com gilete etc. e a transexual como a Roberta Close, por exemplo. [...] Pode pensar na travestilidade como essa experiência de estar dentro de uma identidade, de pertencer a uma identidade que não tem lugar constituído, ainda, no mundo. (VIEIRA, 2017, online).

É importante compreendermos que nas travestilidades existem uma soma de experiências e vivências que demarcam aquilo que podemos entender e chamar enquanto ser travesti. Para início de conversa, travestis vivenciam papéis de gênero feminino, no entanto, há um debate importante sobre autodefinição, muitas travestis não mais se reconhecem como homens ou mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Sobre esta discussão Jaqueline Gomes de Jesus, travesti, psicóloga e professora do IFRJ, diz o seguinte:

A denominação “travesti”, mais frequente no Brasil do que em outros país, é historicamente estigmatizada. Tem-se discutido a sua utilidade hoje, quando se entende que: (1) Elas não se “travestem” no sentido original da terminologia; (2) Muitas pessoas tidas como travestis têm identidade transexual; e (3) Há os termos crossdresser e transformista (drag queen ou drag king) para se referir a dimensões específicas da vivência transgênero que não decorrem de aspectos identitários (como a travestilidade ou a transexualidade), mas funcionais, como o prazer e a diversão momentâneas. (JESUS, 2012, p. 17)

Toda a construção de ser travesti é um processo íntimo e interligado com outras construções socioculturais. Para evidenciar que cada processo apresenta singularidades diferentes, destaco o fato de que existem pessoas que se identificam enquanto travesti, mas não fazem o uso da terapia hormonal, ou não usam próteses de silicone ou até mesmo não têm problemas com o chuchu³.

As intervenções que fazemos em nossos corpos dizem respeito a como nos relacionamos com nossa identidade travesti, contudo, não posso deixar de pontuar que o CISTema, cruelmente, dita normas que muitas vezes nos capturam. A esse respeito Amara Moira, travesti, doutora em Crítica Literária pela UNICAMP- SP, em entrevista ao site *Mídia Ninja*, pondera o seguinte:

Se boa parte de nós recorre a essas intervenções, é por termos sido condicionadas a acreditar, desde muito cedo, que era necessário transformar nossos corpos para podermos viver nosso gênero, para podermos nos reconhecer e ser reconhecidas nesse nosso gênero. (MOIRA, 2017, online)

³ Palavra vinda do pajubá que significa barba. Pajubá é um dialeto utilizado por travestis, surgido a partir da relação entre as línguas: português, tupi-guarani e nagô, iorubá. Demarca um forte traço anticolonial “é genuíno do pajubá, como forma de linguagem anticolonial transgênero, a ruptura em linguagem com o domínio subjetivo e social da performatividade cisgênero”. (LEAL *apud* RODRIGUES 2019)

Letícia Nascimento, no livro *Transfeminismo*, fala que o termo travesti pode estar contemplado no termo trans, no entanto, no intuito de reforçar essa identidade de gênero bastante marginalizada socialmente, ela opta por fazer referência à travesti fora do termo guarda-chuva, assumindo, portanto, uma postura política de afirmação das identidades travestis. Corroborando esse pensamento, Helena Vieira diz que “Há inclusive travestis que pensam nem como homem e nem como mulher, mas como travesti. Há travestis que pensam como uma mulher travesti.” (VIEIRA, 2017).

Por causa da nossa pluralidade, por sermos muitas dentro da travestilidade, penso que o encontro de pessoas cisgêneras com pessoas trans e travestis causa situações “perturbadoras”. Vou explicar melhor, perturbadora no sentido que este encontro pode trazer à tona as fantasias, dúvidas, prazeres, desejos em torno de nossas identidades. Diante de uma sociedade rígida, que classifica a vida em masculino e feminino, a presença das performatividades travestis impede das pessoas terem “tranquilidade” frente as pessoas que apresentam um corpo com pênis (uma genitália dita pelas cisheteronorma masculina), e uma performance de identidade social feminina. As travestis, então, embaralham os códigos de inteligibilidade dos gêneros levando os acostumados com a cisheteronorma a uma situação de confusão mental, essa perturbação associada ao moralismo religioso aguça atos de violência e exclusão das vidas trans e travestis.

Muito se pergunta se há alguma diferença entre ser mulher trans ou travesti. Distinguir quem é travesti e quem é mulher trans no olhometro não é tão possível assim. Existem algumas características que separariam uma identidade da outra. Para a psiquiatria, mulher trans seria aquela que tem aversão ao pênis, e travesti é aquela que lidaria com ele. Mas essas hipóteses são totalmente sem sentido, são suposições perversas para a população trans. Inclusive, o debate sobre as diferenças entre mulheres trans e travestis é um interesse cisgênero, é fomentado pela cisgeneridade.

A relação da sociedade em aceitar a expressão “mulher trans” em detrimento da expressão “travesti” tem a ver com o processo de higienização do gênero, ou seja, o gênero Travesti é originalmente sul-americano, é importante destacar que a palavra travesti ainda é entendida como um xingamento. Além disso, frequentemente, a sociedade cisgênera trata as travestis no pronome masculino, usando o termo “o” travesti. Já a expressão mulher trans, originalmente do hemisfério norte, é mais aceitável em nossa sociedade. No entanto, destaco que os processos de exclusão e marginalização são os mesmos para as duas identidades.

É de extrema urgência que pessoas cisgêneras entendam o quanto é desagradável, ofensivo, violador e invasivo tratarem uma pessoa no gênero oposto de sua performatividade social. Para a sociedade cisgênera esta é a norma: se tem pênis, deverá tratar esta pessoa exclusivamente no masculino = pênis-homem-masculinidade. Se tem vagina, deverá tratar esta pessoa exclusivamente no feminino = vagina-mulher-feminilidade.

Amara Moira (2017) nos diz que “travesti e mulher trans são palavras sinônimas, o que não quer dizer que signifiquem o mesmo”. Nesse caso, cada palavra possui uma particularidade de sentidos. Ela ainda acrescenta que:

Transexual é palavra criada pelo saber médico, que responsabiliza o corpo e desculpa o indivíduo (“corpo errado”, “mente feminina”, “sofrimento”, etc), tornando mais fácil sua aceitação pela sociedade, ao passo que travesti ainda está muito associada ao universo da prostituição precária, da marginalização, da exclusão social, tudo isso pura e simplesmente por “escolha”, “pouca vergonha” ou “falta do que fazer” (como se sua causa não tivesse a justificativa nobre inventada pela medicina para a transexual)”. (MOIRA, 2017, online)

Em minha conta pessoal do Instagram reuni algumas amigas travestis, mulheres trans, outras pessoas dissidentes de gênero e, claro, algumas pessoas cisgêneras. Lancei uma enquete para saber se havia alguma diferença entre mulher trans e travesti. Escrevi como legenda que não precisava ter “medo de errar”, não existe certo ou errado nas respostas, era apenas para entender a partir do pensamento dessas pessoas, como meu corpo e os corpos das minhas irmãs⁴ performavam na sociedade. O resultado foi o seguinte: 61% disseram que não existe diferença entre mulher trans e travesti, os outros 39% entendiam que sim, para eles existe uma diferença entre mulher trans e travesti.

Ainda foi possível fazer outra enquete perguntando se essas pessoas me enxergam como travesti ou mulher trans, o resultado foi o seguinte: 58% das pessoas que responderam disseram que me enxergam como mulher trans, e 42% das pessoas me enxergam como travesti. Dentre essas respostas houve uma que me causou certa curiosidade, a de uma amiga travesti que também respondeu na enquete dizendo que me acha uma mulher trans.

Perguntei à minha amiga o motivo dela ter votado que me enxerga enquanto mulher trans. A mesma me disse que eu estou higienizada, não pareço trans e nem travesti, consigo de

⁴ Termo usado para com outras travestis e mulheres trans como uma forma de irmandade.

alguma forma “enganar”⁵. Eu não sou passável porque a passabilidade é um mito que a cisgeneridade inventou pra quem é bonita demais ou quem quer se parecer com cis. Eu não me pareço com uma mulher, me pareço com uma Travesti. Agora se vocês não aceitam o fato de eu ser uma TRAVESTI bonita, problema de vocês.

Este pensamento poderia então embaralhar a mente de pessoas que não conseguem compreender esta ideia de travesti não ser mulher. Travesti é travesti. É encruzilhada, é o nada, é a hibridez, é o encontro de várias expressões. Ser Travesti é sobre não se encaixar, é sobre ser um corpo desobediente. Ela transgride, incomoda, confunde e desestabiliza os encantados com a cisheteronorma.

O processo de construção da performatividade e da identidade de gênero não é uma norma, não há regras, protocolos, lei ou cânone. Há diversos modelos de pensar nossas identidades e junto com ela as possibilidades de mulheridades na sociedade. Uso “mulheridades” confabulando com o que Letícia Nascimento nos apresenta:

Utilizo o termo “mulheridades”, e não “mulher”, no singular, para demarcar os diferentes modos pelo quais podemos produzir estas experiências sociais, pessoais e coletivas. Além disso, a ideia também é conferir movimentos de produção, visto que o termo “mulher” pode sinalizar algo que se é de modo essencial. Nesse sentido, o termo “mulheridades”, aponta para os processos de produção social dessa categoria. (NASCIMENTO, 2021, p. 27).

Quando digo que travesti não é mulher não é pelo simples fato de me rebelar contra o CISTema Colonial Moderno de Gênero, é também uma tentativa de mostrar para a sociedade que tudo bem ser “só” Travesti, e que ao invés de nos tornarmos mulheres que nos tornemos Travestis, que não sejamos inferiorizadas por isso. Existe muito poder em ser Travesti.

Celebro a existência de todas as mulheridades, inclusive algumas que precisei ser para me tornar quem sou hoje, mas também celebro a Travesti que me tornei. Celebro as Travestis que viveram antes de mim, que lutaram, que infelizmente foram mortas por este CISTema. Hoje sou aquela que não precisa se adequar, aquela que é tudo que gostaria de ser. Hoje sou travesti e me orgulho de ser travesti!

⁵ Termo bastante pejorativo usado para dizer que travestis ou mulheres trans conseguem de alguma forma “enganar” a cisgeneridade e passarem despercebidas. Despercebidas no contexto de “não parecer ser trans ou travesti”.

2.1 TRAVESTIS NÃO SÃO INVISÍVEIS, SÃO APAGADAS

É sabido que as travestis existem antes do Brasil ter se tornado Brasil. Compreender que no CISTema Colonial Moderno de Gênero as travestis não são invisíveis, mas, sim, apagadas, implica trazer à tona as inúmeras formas do CISTema realizar o apagamento das nossas subjetividades e performatividades. Apresento dois fatos sobre as tentativas de apagamento das nossas identidades.

O livro *Ditadura e Homossexualidades: Repressão, Resistência e a Busca da Verdade* (2014), organizado por James N Green e Renan Quinalha, conta que durante os anos 1970 a polícia civil passou a fazer rondas para reprimir a criminalidade nas grandes cidades, por meio de *blitz*. Além disso, naquela época, havia uma lei que apreendiam nas ruas sob a justificativa de deter pessoas contra a “viadagem”. Com isso, toda travesti era levada à delegacia para que fosse fichada e tivesse sua foto tirada “para que os juízes possam avaliar seu grau de periculosidade”. Também nos anos 70, no Brasil, ocorria a caça às travestis em uma excursão chamada de Operação Tarântula, governada por militares que perseguiram e mataram travestis. No estado de São Paulo há registro de 300 travestis mortas nesta operação.

De acordo com o livro acima citado, o Delegado Guido Fonseca foi contactado pela Polícia Civil de São Paulo para fazer um estudo sobre o aumento de travestis no estado. Obviamente, que os alvo desse estudo eram as travestis, eles passaram a mapear os lugares onde elas moravam. Cabe destacar que a prostituição era a profissão da maioria das travestis na época, desde então compreendeu-se que a prostituição deveria ser combatida como crime. Assim a polícia fazia vigília em frente aos prédios onde elas moravam constantemente. Em 1979, foi instituído o toque de recolher das travestis, elas eram vigiadas a todo o instante e eram proibidas de saírem após o horário do toque de recolher.

No mês de março do ano de 1980, o Brasil recebeu a visita do Papa João Paulo II, com a chegada iminente do religioso, a polícia resolveu realizar outra operação. Wilson Richetti assumiu o comando da Delegacia Seccional do Centro. Foi, então, instaurada a Operação Limpeza e chegou a prender mais de 600 travestis em um só final de semana para “mostrar serviço” logo após a sua posse.

Outro processo sobre o apagamento das nossas subjetividades ocorreu por volta de 1591, no período colonial, em mais uma invasão ao continente africano. Xica Manicongo foi sequestrada de sua terra natal, no continente africano, e foi trazida para o Brasil, onde hoje é a

cidade de Salvador, sendo vendida para um sapateiro. De acordo com o artigo “*Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra*”, de Jaqueline Gomes de Jesus (2019), Xica Manicongo é considerada a primeira travesti do Brasil com base nas pesquisas realizadas nos arquivos da primeira visitação da Inquisi o.

Manicongo era, originalmente, um título para governantes do Reino do Congo (Mwene Kongo, literalmente, Senhor do Congo), que foi transformado na corruptela que conhecemos pelos portugueses, para designar pessoas oriundas da região. (JESUS, 2019). Xica foi denunciada   Santa Inquisi o por Matias Moreira, um velho cristão oriundo de Lisboa. Este velho cristão cobrava que Xica fizesse o uso da performatividade cisheteronormativa implantada pela moralista mente portuguesa cristã, obrigando Xica a usar roupas tidas masculinas e parar de performar a mulheridade de seu gênero.

Manicongo foi acusada pela igreja católica de crime de sodomia e para continuar viva, ela precisou abrir mão de suas vestimentas e de performar o seu gênero dentro do sistema heteronormativo que era ali aplicado por mentes moralistas europeias. Hoje, as diversas frentes do movimento transfeminista no Brasil, reconstrói a estória de Xica Manicongo para lembrar das nossas ancestrais e do nosso percurso. (JESUS, 2019).

Se já existiam performatividades de pessoas que iam de contra toda uma ideologia normativa de gênero, por que tratamos pessoas trans como minorias se já estávamos presentes nessa longa historicidade social? Falar que pessoas transgêneras são minorias enquanto quantidade na sociedade demonstra o quanto nossa sociedade   transfóbica. Essa violência fatal afeta desproporcionalmente as nossas e os nossos ancestrais que viveram aqui, e que já se entendiam como pessoas transgêneras mesmo que o termo não fosse usado naquela época.

É importante frisar que as ditas minorias sociais são grupos que passam por elevados processos de preconceito e estigmatiza o, muitas vezes resultando em processos graves de exclusão social. As pessoas transgêneras possuem dificuldade em adentrar nos diversos espaços, como meios educacionais, ambientes de representatividade política, etc. Isso ocorre porque a cisgeneridade não nos querem nos lugares de poder. As pessoas cisgêneras possuem maior representatividade em cargos, empresas e publicidades em nossa sociedade, por exemplo.

A comunidade trans e travesti no Brasil sofre com o gravíssimo problema de representatividade política, de figura pública na cultura e na educa o. Apesar de vivermos

em um sistema dito democrático, a população trans e travesti não possui direito a voz dentro do CISTema Colonial Moderno de Gênero. É dever do Estado garantir políticas públicas para a população trans e travesti, assegurando o direito à saúde, à educação, à moradia, ao lazer e à qualidade de vida. Precisamos mudar a realidade social da população trans e travesti, para que esta população saia da condição de marginalizada. De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus, isso ocorre por causa da estigmatização dos nossos corpos.

A nossa sociedade tem estigmatizado fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de serem empregadas, mesmo que tenham qualificação, e acabam, em sua maioria, sendo, em grande parte, excluídas das escolas, repudiadas no mercado de trabalho formal e forçadas a sobreviverem na marginalidade, em geral como profissionais do sexo. (JESUS, 2012, p. 16-17)

Os processos de produção das subjetividades da população trans e travestis é determinado pelos ataques cisgêneros. Não cabemos nas construções socialmente vigentes da cisheteronormatividade, logo, somos estigmatizadas. A palavra travesti não cabe nos dicionários, nos livros de biologia, e não é dita na mesa de jantar da família tradicional brasileira, é assim para o CISTema Colonial Moderno de Gênero. Mas ela cabe, sim, na marginalização, na hostilização, em ser chacota, em ser expulsa de casa e em ser morta por ser quem é.

Ser travesti, para a sociedade cisgênera, é estar marcada para morrer. É ter uma expectativa de vida de 35 anos, de acordo com dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). A expectativa de vida de uma pessoa cisgênera é de 75 anos, conforme dados do Instituto Brasileiro Geográfico de Pesquisa e Estatística (IBGE, 2017). Ser travesti é viver em alta vulnerabilidade à morte violenta e prematura no Brasil.

Afinal, as travestis são invisíveis ou a sociedade escolhe não vê-las? Ou melhor: as travestis são invisíveis ou são, reiteradamente, apagadas? Nós existimos, mas a grande maioria é apagada no meio da caminhada. Somos apagadas com bala, pedradas, facadas, queimadas em praça pública e tudo isso é normalizado pela sociedade encantada com a cisheteronormatividade. Parafraseando Caia Coelho, transfeminista pernambucana, há um transfemigenocídio em curso. Mas nossas mortas voltarão para cobrar e as vivas não sucumbirão ao medo!

Nós não somos invisíveis, somos apagadas!

3 A POTENCIALIDADE DAS TRAVESTIS: QUEM TEM MEDO DELAS?

Neste capítulo apresento a história de vida das coautoras, travestis e mulheres trans que são desviantes dos caminhos que a cisgeneridade nos impõe. São aquelas que criam outras rotas para resistir ao CISTema e, sobretudo, para fazê-lo ruir, até que fique somente os escombros. A centralidade deste capítulo são as nossas potencialidades, são os nossos fazeres, os modos como nos organizamos entre nós para criar outros modos de existir para além da perspectiva cisgênera. Para fortalecer este discurso trago a fala de três travestis que atuam artisticamente na cena de Recife, as suas produções se dão no campo da Dança, do Teatro, da Performance, da Moda e nas fronteiras das linguagens artísticas.

3.1 ENCORAJADA PELAS MINHAS IRMÃS A SEGUIR ACREDITANDO NAS NOSSAS POTENCIALIDADES

Chego neste capítulo com uma exaustão mental devido a todos os acontecimentos presentes em minha vida até o momento. Problemas esses que me fizeram pensar na possibilidade de desistir de tudo. Tive que escrever esta monografia em menos de 3 (três) meses, e ainda tive que lidar com pressões da Universidade, com prazos e mais prazos. Finalmente, cheguei a conclusão que isso poderia se caracterizar como uma violência as nossas subjetividades, pois não estão nem aí para a saúde mental dos seus discentes. No entanto, se eu desistisse seria mais uma que foi apagada e excluída no meio acadêmico. Sobre esse processo Thifany Odara diz o seguinte:

Tem sido com muita maestria, lástimas e dores as lutas que transcorrem hoje em meu direito a viver, e que revigoram em minha existência enquanto uma mulher trans negra colocando-me enquanto uma travesti dentro de uma identidade política, mas capaz de trans'crever toda extensão que me trouxe até a academia, para um espaço que nunca sequer foi pensado para corpos pretos dissidentes. (ODARA, 2020, p. 18).

Os tempos estão difíceis para mim e para minhas irmãs. Faço deste trabalho uma forma de resistência. Não me calo, eu também sou potência! Escrever esta monografia é uma forma de quebrar todas as diretrizes que são colocadas em nossas vidas. Estar neste espaço de privilégio, ser pesquisadora, estudante de uma instituição federal de ensino superior, e poder escrever sobre minhas vivências e as vivências das minhas é um ato histórico e corajoso.

Acredito que quanto mais tivermos nossas potencialidades disseminadas, espalhadas, multiplicadas, melhor para nós enquanto movimento, enquanto classe, enquanto irmandade.

É preciso mostrar nossas potencialidades, evidenciar que somos capazes de produzir saberes e fazeres em todos os espaços sociais. Somos capazes de construir uma epistemologia travesti. Se uma travesti consegue descumprir com as sistematizações do CISTema Colonial Moderno de Gênero, todas as outras caminham juntas. E é disso que eles têm medo, daquelas que violam, transgridem, descumprimos e erguem suas vozes contra o CISTema.

3.2 AQUELAS QUE CAUSAM FISSURAS NO CISTEMA

Chamo as meninas de coautoras desta produção, pois, as suas histórias, suas potencialidades e produções artísticas são elementos essenciais nas análises apresentadas nesta pesquisa. Esses relatos conseguem construir fontes históricas sobre a trajetória de mulheres trans e travestis, além de contribuir para o fortalecimento do movimento trans.

As coautoras foram entrevistadas individualmente, as entrevistas duraram em média 30 a 60 minutos, foi uma conversa prazerosa, descontraída e com bastante ensinamentos trazidos por elas. O tema proposto nas entrevistas foi sobre as potencialidades delas, para tanto, buscamos compreender como elas conseguem construir fissuras no CISTema, e como é o processo de representação social no meio da cena artística de Recife. Sobre este processo de escuta e trocas de saberes com as minhas irmãs, ressalto uma fala de Thiffany Odara:

[...] Visando valorizar a perspectiva e as experiências para, assim, compreendermos, o lugar social e a singularidade de cada uma [...] O que me levou a entender que ouvir cada história de maneira particular mostrou o ponto onde as histórias se encontram de maneira muito singular e mais plural. (ODARA, 2020, p. 32)

As histórias e narrativas dessas meninas têm pontos em comum, com singularidades específicas, pois nossas vivências são particulares, cada uma tem a sua. É importante trazer essas narrativas para ampliar a valorização dessas potencialidades. Trazer os nomes e os relatos nos ajuda a compreender o quão nossas potencialidades tem criado modos de fazer política e história nesses tempos tão difíceis. É necessário que nos deem espaços para partilhar nossas experiências, nossas potencialidades, nossas produções artísticas e acadêmicas.

Antes de iniciar as entrevistas falei que não gostaria de ouvir histórias tristes, se a entrevista levasse um gatilho mental para as meninas, que me avisasse. Falei que o mais importante para mim era saber sobre as potencialidades de cada uma, de como elas conseguiram romper com toda estrutura de marginalização que somos conduzidas cotidianamente.

3.3 CATARINA ALMANOVA

A primeira coautora entrevistada foi Catarina Almanova⁶, 23 anos, autodeclara-se como mulher trans ou travesti, se identificando das duas formas. É atriz, poetisa, diretora, performer, estudante de licenciatura em teatro na Universidade Federal de Pernambuco. Catarina também fez parte da Cia de Teatro e Dança Pós Contemporânea d'Improvizzo Gang na qual eu também fiz parte, mas nunca contracenamos juntas. Na época em que eu fazia parte da cia, Catarina ainda não fazia.

Conheci Catarina Almanova na UFPE quando ela era caloura do curso de licenciatura em teatro. Tivemos proximidade por conta de algumas pessoas incomum em nosso círculo de amizade. Lembro de acompanhar Catarina no seu processo de transição, mesmo de longe, e de muitas conversas sobre os processos no qual ela passava naquela época. Quando iniciei a entrevista falei que não queria ouvir histórias tristes, Catarina, logo, reagiu falando:

“Engraçado tu me falar pra não contar essas histórias tristes, né, porque eu acredito que durante a transição e durante o processo de transição na arte essas histórias e situações tristes elas, de certa forma, ficam muito mancomunadas com nossas experiências. Parece que gruda na gente, feito chiclete. Até uma conquista que a gente tenha aparentemente ela veio lá de uma decepção de alguma coisa que aconteceu. E aí eu acho que isso são os efeitos de se morar num país que mais odeia mulheres trans e travestis, a gente tá quase sempre sendo grudada com essas experiências. Pra senhora ter uma ideia eu já estou acostumada quando alguém pergunta sobre a Universidade, sobre minha breve história aqui em Recife a contar a história dessa forma. E aí quando a senhora me disse isso, é como se fizesse assim [movimento de desvios de caminhos]”.

⁶ Entrevista realizada no dia 04 de agosto de 2021 online pela plataforma do Google Meet.

Catarina é natural de Vitória de Santo Antão, município do interior do estado de Pernambuco, distante 46 quilômetros da capital estadual, Recife. Quando ela saiu da cidade natal já tinha o pensamento de trabalhar com arte e de transicionar:

“Eu sempre tive na minha cabeça que eu era uma mulher; uma mulher trans. E a nossa narrativa ela está quase sempre ligada a ideia de que ela pertence as pessoas cis. A nossa exposição diariamente pertence as pessoas cis, no sentido de que quando uma pessoa trans transiciona todas as pessoas cis esperam que você fala pra cada uma delas. Vai lá no inbox e diga ‘olha, virei mulher’[risos]. Porque onde eu morava era impossível! Tanto pela minha família na época que era uma família extremamente religiosa e a arte era uma das maneiras com quais eu conseguia - acho muito simples falar escapar, mas era uma das maneiras com a qual eu conseguia perfurar a realidade com a qual eu estava me sendo colocada. Eu tinha duas opções na época [do vestibular], artes visuais ou cinema e eu escolhi teatro [risos]. Foi algo muito intuitivo. Quando eu olhei a opção teatro eu nem quis saber; coloquei como opção e passei!”

O curso de Licenciatura em Teatro da UFPE possui grande número de meninas trans e travestis matriculadas. Diferente do curso de licenciatura em dança, por exemplo, onde ainda somos poucas. Catarina apresentou como a Arte da Performance foi algo importante para ela:

“Uma das coisas que mais me chamou atenção quando entrei na universidade foi a performance. E a performance foi o norteador porque eu entendia que de alguma forma meu corpo cabia ali. Os conceitos de Stanislavski⁷ eram muito restritos para quem eu estava prestes a dizer publicamente quem eu era. Eu conheci Eugênio Barba⁸, Antonin Artaud⁹, Sarah Kane¹⁰ foram pessoas que me deram norte do que eu estava fazendo. Quando eu li pela primeira vez os textos de Sarah Kane e as teorias de Artaud, do que ele pensava sobre o teatro... é como eu estivesse escrito isto! Foi tipo uma pessoa que me entendeu de alguma forma.”

⁷ Foi um ator, diretor, pedagogo e escritor russo de grande destaque entre os séculos XIX e XX. Mundialmente conhecido pelo seu "sistema" de atuação para atores e atrizes, onde reflete sobre as melhores técnicas de treinamento, preparação e sobre os procedimentos de ensaios

⁸ É um autor italiano, pesquisador e diretor de teatro e criador do conceito da Antropologia Teatral, disciplina que estuda o comportamento cênico pré-expressivo que se encontra na base dos diferentes gêneros, estilos, papéis, e das tradições pessoais e coletivas.

⁹ Foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro francês de aspirações anarquistas. Ligado fortemente ao surrealismo.

¹⁰ Foi uma dramaturga inglesa. A obra de Sarah Kane se caracteriza pela profundidade psicológica dos personagens e pelas imagens agressivas e chocantes.

“Logo no meu primeiro ano de faculdade eu entrei no DIG¹¹ e fiz o primeiro espetáculo Café. Rodou por muito tempo, acho que foi o ano de 2017 todo. E eu lembro que esse todo tempo que eu fiquei no DIG éramos o único grupo da cidade em roteiros de festivais e comerciais que tinham mulheres trans e travestis dentro dele. Isso foi um choque, né? Porque na Universidade eu via bastante pessoas trans. Não necessariamente no curso de teatro, mas trabalhando com arte e na cidade do Recife não tinha uma visibilidade tão grande assim”.

É importante destacar a importância do DIG no processo de inclusão e protagonismo de pessoas trans e travestis na cena artística local. Em Recife, o debate sobre o protagonismo trans nas artes cênicas ganha notoriedade, inclusive, na imprensa local, a partir dos casos de censura com o trabalho *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*, interpretado pela atriz Renata Carvalho. Embora tenha notoriedade nesta época, as meninas do DIG já vinham protagonizando este debate pela cidade de Recife.

Catarina também compartilhou um momento importantíssimo para ela, a aprovação do curta-metragem *Tornar-se Monstra ou Humana*, cuja equipe é majoritariamente trans. Neste trabalho Catarina assina a direção, o roteiro, a idealização e criação, além de participar como performer. Ela diz o seguinte sobre o processo:

“Em 2020 surgiu a Lei Aldir Blanc e mesmo fazendo parte do DIG, ter feito alguns espetáculos eu sentia que as pessoas ainda não me reconheciam como artista. A minha individualidade, a minha marca como artista não estava muito bem nítida. Eu vi essa oportunidade e achei que não teria condições de passar e eu deixei pra lá. Eu peguei todos os poemas que eu tinha escrito, estruturei numa página só e quando eu terminei eu disse: eu tenho um roteiro! Escrevi, lancei e passei no edital. Foi algo muito doido porque eu nunca tinha trabalhado como roteirista, como diretora, como produtora, direção de som, de imagem, direção de arte. Ali era minha chance de realmente mostrar algum tipo de identidade para a cidade. Era um projeto com o qual eu queria fazer porque as outras pessoas não estavam pensando nisso. [...] O edital pede o nível de conhecimento que até para as pessoas cis que têm acessos, tem dificuldade de escrever. É um processo excludente, de censura. Eu escrevi o edital sozinha e eu escrevi o edital sozinha sem nunca ter tido experiência de escrever para algum edital antes. Foi algo que me deixou até animada. Eu consegui, eu fiz um projeto inteiro desde a concepção, não tive ajuda de ninguém, fiz tudo sozinha e claro que foi um risco.

¹¹A Cia. De Teatro e Dança Pós- Contemporânea d’Improvizzo Gang (DIG) foi fundada, em meados dos anos 1980, por Paulo Michelotto, professor do Departamento de Teoria da Arte da Universidade Federal de Pernambuco, dramaturgo, tradutor, ator, dançarino, crítico de teatro, pintor, filósofo e sociólogo.

Eu também tinha noção de escrita por conta da Universidade, de algumas linguagens, mas mesmo assim não deixou de ser difícil”.

A partir dessa experiência relatada por Catarina destacamos a importância de pessoas trans e travestis protagonizarem seus projetos, de investirem em editais de fomento, de produzirem e contratarem profissionais trans e travestis para atuarem em suas produções. A experiência de Catarina nos ajuda a compreendermos que é necessário fortalecermos nossas redes de apoio e afeto, como uma maneira de resistência ao CISTema. Cabe ressaltar que Catarina ainda trouxe considerações importantes sobre, trabalho, afeto, amizade e família.

“É muito difícil amar, trabalhar, ser reconhecida, ter amigos, ter família, ter tudo, inclusive estar bem consigo mesma nessas condições. Então é super normal - não quero naturalizar nenhum processo psicológico, mas é super normal a gente estar constantemente ansiosa, depressiva, insegura mas não por ser trans ou travesti, mas pela reação da resposta que a gente tem que as pessoas cis fazem com a gente. Quando questiono como o meu trabalho não alcançou o que esperava, eu sei que todas essas questões estão perfuradas pela ideia que eu moro no país que me odeia. E essas experiências traumáticas que existem no Brasil, conseguindo dialogar com o que Jota Mombaça fala é que o Brasil é um trauma. Às vezes a única coisa que um corpo trans ou travesti tem, é o seu próprio corpo. Você pode estar abalada com todo esse sistema, mas você só tem o seu corpo. Eu sinto isso quando estou dançando, quando estou performando, eu só tenho o meu corpo. Quando estou fazendo isso é uma relação de felicidade para mim. Eu só vou poder contar comigo mesma.”

3.4 NAOMI LEÃO

A segunda coautora entrevistada foi Naomi Leão¹², travesti, negra, modelo independente, artista do corpo, criadora de conteúdo digital e licencianda em Pedagogia pela UFPE. É Pesquisadora-Bolsista de Iniciação Científica (CNPq), dedicando-se, sobretudo, às relações de travestilidade e educação, seus processos, nuances e entraves formativos em ambientes formais, não formais e informais de educação. Bolsista e formadora do Núcleo de Políticas LGBT, dentro do Comitê de Ações Afirmativas da UFPE.

¹² Entrevista realizada no dia 06 de agosto de 2021 online pela plataforma do Google Meet.

Lembro de ter conhecido Naomi pelos corredores e jardins do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. Antes eu já admirava Naomi, pois fazíamos parte de alguns ciclos de amizades que se encontravam em algumas festinhas *underground* da cena recifense. Sempre admirei a beleza e a potência dessa belíssima travesti. De fato, estamos lidando com uma potencialidade de corpo imensa. Naomi é uma das poucas modelos trans de Recife, talvez, a única que consegue fissurar o CISTema com sua potencialidade.

Lembro-me do momento em que eu trabalhava numa agência de modelos em Recife, trabalhando como professora de preparação e consciência corporal para modelos. Certo dia, recebi da minha chefe um processo seletivo para desfile, imediatamente encaminhei para Naomi, pois sabia que aquele corpo conseguiria romper com paradigmas de uma seleção de pessoas majoritariamente cisgêneras.

“Eu venho construindo a moda em Pernambuco, ainda não tenho espaço no mercado nacional. Ainda. Mas vai chegar em algum momento. O meu entendimento enquanto potência de corpo na arte da moda começou um pouquinho antes do meu processo de terapia hormonal. As pessoas me associavam a algumas modelos etc. principalmente a uma drag queen que também é modelo, a Naomi Smalls. Quando comecei o processo de terapia hormonal foi quando meus traços começaram a afinar babado e todo mundo me associava muito rápido à uma modelo. Não mais a Naomi Smalls, mas muito rápido a uma modelo. E aí foi quando eu disse: ‘espera, está todo mundo me vendo assim, deixa eu tentar me enxergar assim também. E aí comecei a me ver modelo e comecei a me construir modelo. Toda minha construção estética hoje, toda a minha transição foi direcionada para isso. Direcionei toda energia pra isso. Eu já sou modelo há cerca de 1 (um) e 8 (oito) meses”

“Foi dentro da Universidade que eu comecei a me entender enquanto travesti. Entrei lá eu ainda era boyzinho, viadinho [risos] mas aí, eu depois comecei a me entender Naomi, a enxergar Naomi e, sobretudo, a construir Naomi. Ainda estou nesse processo”

Naomi compartilhou sobre os processos de invisibilidade trans nas artes, evidenciando o quanto as travestis são apagadas da nossa sociedade. A cisgeneridade nos empurra para o “não lugar”, um lugar que nós não somos vistas, que nossas potencialidades não são notadas, onde a marginalização é evidente.

“Na moda é babado, né, mona! Porque é aquela coisa assim alto escalão da beleza, alto escalão do ego etc e onde é que fica os

espaços para as travestis dentro disso? E é sempre um babado que todo casting que eu participo sempre tem aquela coisa de a gente vai colocar uma trans e dentro dessas trans vão colocar a que mais se associa ao hegemônico, sabe? Que a beleza se associa mais à beleza de uma garota cis. Sempre rola isso. Mas eu tenho muito talento, tenho muito potencial e isso cria rupturas, eu acredito muito no meu talento. A partir do momento que eu acredito, eu acho que movimenta estruturas, começa abrir espaços etc. Por mais que as vezes eu me sinta perdida no meio da moda, eu não tenho agência, sou modelo independente, mas aí quanto mais eu acredito em mim, mais caminhos vão se abrindo, outras coisas vão se fechando. E vai se movimentando, vai acontecendo”.

É importante entender que estamos vivenciando um período de transformação social e, aparentemente, estamos ocupando alguns espaços e, minimamente, fazendo com que nossas vozes possam ser ouvidas. Mas será que estamos tendo representatividades e protagonismos, ou isso, pode ser mais um processo instrumentalizador do CISTema em direcionar as que conseguem se assemelhar aos desejos da perversidade cisgênera? Naomi relata alguns processos que passou no meio artístico no qual trabalha:

“Já me aconteceu de me compararem como uma ‘mulher’, mas o que mais me ocorre é de me compararem como exótica, de me colocarem nesse lugar de exótica. E é nesse espaço de exótica é onde, minimamente, todos os meus trejeitos, as minhas marcas etc que demarcam a minha travestilidade, elas aparecem nesse lugar de exótica. É sempre assim, ou você parece uma mulher cisgênera ou você é exótica. Dentro da moda é o que eu mais escuto, principalmente o exótica. Sempre sou colocada nesse lugar. Acredito que esse negócio de ‘parecer ser uma mulher’ aconteça mais com umas trans brancas que também constróem moda aqui [Recife]. Elas são sempre colocadas no lugar de ‘parece ser mulher, quase mulher etc’. É umas coisas meio assim, sabe? E ficam como é que tu esconde teu pênis? E tu fica ‘ei, minha irmã, me respeite!’. Mas é isso que também me faz movimentar porque eu não permito que qualquer pessoa chegue em mim e me toque, eu não permito que qualquer pessoa fale qualquer coisa para mim. Se falar, vai ouvir também: ‘eu não sou qualquer trans aqui, eu sou uma travesti, me respeite!’. Em todo casting, em todo trabalho, eu faço questão de colocar essa banca mesmo; você não tá lidando com qualquer pessoa, eu sou uma travesti. E tento, minimamente, fugir desse lugar das violências etc”.

Quem cresce invisível sabe a falta que é ter alguém para se inspirar. Não conseguir se enxergar e não poder se identificar com uma pessoa que possa ser sua inspiração na TV, nas campanhas publicitárias, nas produções artísticas e no cinema é algo que precisa ser considerado nas vivências de pessoas trans e travestis desde a infância. Naomi pontua algo importante sobre estes processos de invisibilidade.

“Sempre chegam outras meninas trans pra falarem comigo, sobretudo meninas trans e travestis negras que vem falar comigo elogiando o meu trabalho e perguntando ‘como é que eu faço pra começar?’. Isso às vezes me deixa muito frustrada porque nem eu sei como foi que começou isso. Começou comigo acreditando muito em mim. Começou assim. Foi quando começou a construir a minha carreira. Foi quando começou esse movimento de Naomi Leão, a modelo. Me vejo como uma referência, eu sempre tento me construir como a minha própria referência e eu fico muito feliz de ser referência para outras meninas, como muitas já chegaram pra mim pra dizer isso. Só que ao mesmo tempo é um pouco frustrante porque não tem nem espaço pra mim e eu queria muito colocar essas outras para estarem ali comigo. Porque às vezes é muito... eu não tenho nenhuma palavra pra descrever, mas as vezes só tem eu. Fica aquela coisa que poderia ter outras. Tanta menina tão talentosa, tão talentosa quanto eu ou mais que só não tem espaço. Não dão espaço. A gente tem que, literalmente, dar um chute e dizer eu sou, eu faço e sou a melhor no que eu faço! É sempre isso que repito pra mim e até hoje dá certo”.

“Na minha cabeça é muito assim: primeiro eu, segundo eu, terceiro eu. Mona, eu sou uma travesti e eu preciso acreditar em mim porque ninguém vai acreditar. E falar sobre mim, falar sobre eu na moda é falar sobre acreditar em mim. Às vezes eu fico questionada de como isso chega nas outras pessoas se isso é só ego puro, se isso é só construído a partir de ego, mas eu também acredito que não porque eu preciso desse pontapé inicial, eu preciso dizer isso, eu preciso afirmar isso etc. No começo a minha mãe até fazia uma linha¹³ de apoiar, mas por não ver um retorno financeiro imediato e aí começou aquelas cobranças porque eu também sou universitária e ficava naquela coisa do concurso ‘aí você precisa fazer um concurso, esse negócio de modelo é passageiro’. Sempre fui eu por eu. Principalmente nessa pandemia, quando parou tudo, parou o apoio, o mínimo apoio que eu tinha em casa. Agora que as coisas estão voltando, está reiniciando todo o processo de trabalho etc”.

Com este relato, Naomi corrobora com o que venho pensando e construindo sobre a falsa passabilidade, a fantasiação da cisgeneridade em usar a passabilidade como validação para sermos vistas como mulheres. A interferência cisgênera sobre nossas vidas afeta nossa

¹³ Termo do pajubá que significa fingir, pretender, aparentar que está fazendo algo.

autoestima, é necessário romper com estes processos de ideal da beleza cis e entender, desde já, que somos muito além da “beleza de mulher”, somos beleza TRANS!

Por fim, Naomi consegue relatar os processos de encruzilhada que perpassam seu corpo. Um corpo de uma travesti, negra, periférica, universitária e potencializadora de seu corpo como um instrumento que quebra os paradigmas do CISTema Colonial Moderno de Gênero.

“Essa primeira encruzilhada que é a minha relação com o espaço que eu moro, moro em Nova Descoberta, uma periferia daqui de Recife. É babado porque eu nasci e me criei aqui e quando começa a nascer Naomi parece que é um espanto pra todo mundo e ainda é, na verdade. Porque as pessoas esperavam uma coisa, todo aquele recorte do que é ser uma travesti negra dentro da favela as pessoas esperavam isso e eu não dou isso, sabe? Não me coloco dentro desse papel, pela posição de privilégio que eu tenho por ser uma universitária de ser uma modelo etc. Mas ainda assim eu tenho que conviver com as violências, as nuances de ser uma travesti, de ser esse corpo nesse espaço que não é fácil, é bem babado! Tem que passar por todos os percalços que é viver numa comunidade desde questões de saneamento, as questões de violências, a minha relação com corpos masculinos da minha comunidade, a minha relação com corpos masculinos que cresceram comigo... tem todos esses percalços aí. Com relação aos haters [risos] essas pessoas que se colocam nessa posição de não acreditar no meu trabalho... se for uma pessoa cisgênera, eu absolutamente não vou ligar. Eu não ligo pra pessoas cisgêneras. Eu não respondo a cisgeneridade. Tudo o que eu represento é muito mais do que isso. Eu não respondo qualquer pergunta vindo da cisgeneridade da minha beleza, o meu potencial, o que eu represento... se for uma pessoa trans... choices, amor, eu também não ligo”.

“Teve um evento que eu participei aqui [Recife] que passou uma parte no Jornal Nacional. Na parte que passa os desfiles, me aparece. Aparece a minha passarela, eu indo e voltando até o final da passarela. Isso no Jornal Nacional! E menina, quando isso saiu... aqui onde eu moro, todo mundo catou¹⁴ que até hoje eu sou tida como amostrada por conta disso [risos]. Só nessa projeção eu me realizo babado. Espero, muito, conseguir alcançar outras coisas, venho lutando pra isso, mas já sou muito realizada”.

¹⁴ Palavra do pajubá que significa observar, olhar, pegar.

3.5 THAYNÁ LOPES

A terceira coautora entrevistada foi Thayná Lopes¹⁵, 33 anos, mulher trans, negra, auxiliar administrativa da Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais de Pernambuco (AMOTRANS-PE), Coreógrafa, bailarina, atriz, militante e professora de dança. Conheci Thayná por intermédio da minha amiga Riqueza Braz, nunca tive proximidade com ela, mas Riqueza, que também está escrevendo um artigo para a finalização do seu curso de licenciatura em dança, me falou sobre ela. Me contou das suas potencialidades e eu achei mais que necessário Thayná estar presente no meu trabalho enquanto coautora.

“Eu acho muito importante a fala que você fez, Pietra, quando você fala que está visando mais o que fez você chegar neste patamar, quais as coisas boas... porque coisas ruins a gente já vive e é uma realidade tão presente em nossas vidas que se tornou até monótono a gente estar falando sempre a mesma coisa. Fica parecendo que somos as coitadinhas, as vítimas de tudo. Eu acho que, em tudo, existem os dois lados. Eu sei que existe muito, uma briga, uma guerra muito grande em questões de gênero, mas também existem as coisas boas e é disso que a gente vai falar!”

“Eu estou um pouco ‘afastada’ da arte por questões de trabalho, questões de tempo e por conta de alguns espaços que foram fechados por conta dessa pandemia. As coisas estão retornando aos poucos agora e eu também estou retomando algumas atividades que eu sempre fiz em anos anteriores relacionados à área da arte. Eu tive contato com a arte muito cedo, especificamente com a dança e eu ainda era criança. Eu vim conhecer o teatro e o cinema tudo isso bem mais na frente, mas meu primeiro contato foi com a dança e desde muito nova eu ingressei numa cia de dança e me encantei pela arte, pela dança popular. Eu já transitei por outras linguagens de dança, mas o que eu amo é a cultura de Pernambuco; o frevo, maracatu, caboclinho, ciranda... Até então nesse primeiro momento eu não tinha noção do que era gênero, sexualidade porque eu era uma criança de 10 anos e isso não passava na minha cabeça. Pra mim dança era dança, arte era arte e todo mundo tinha espaço. Isso foi na época da escola, no primário e quando eu saí do primário ao ginásio essas aulas foram encerradas. Não existia mais esse grupo, essa cia de dança. Por eu ter me adaptado, por ter gostado muito da arte, eu queria continuar”.

¹⁵ Entrevista realizada no dia 11 de agosto de 2021 online pela plataforma do Google Meet.

Sabemos o quanto a vida de uma pessoa preta, periférica, no Brasil, é extremamente difícil em comparação a uma pessoa branca de classe média. Se pensarmos nesses marcadores sociais para uma pessoa trans, preta e periférica, no Brasil, as coisas triplicam em dificuldade. Thayná explica esses processos de exclusão, de falta oportunidades e acesso à educação, à arte e a cultura para esta população marginalizada.

“Por morar numa periferia, por não ter condições financeiras para pagar uma academia de dança, eu não conseguia fazer aula. Eu tinha vontade, eu tinha potencial, só não tinha condições [financeiras]. Isso me massacrava um pouco, porque era o que eu queria fazer, mas eu não conseguia, não tinha acesso, era tudo muito restrito. Eu consegui ingressar na Escola de Frevo da Prefeitura do Recife, que existe até hoje, e lá era gratuito, mas era muito distante da minha casa, eu tinha que pagar condução. Eu não tinha condições de pagar passagem pra fazer aula. Por querer muito fazer parte da arte, da dança, eu me submeti a ir andando. Ia e voltava a pé. Era distante da minha casa, mas para o que eu queria era o único acesso que eu tinha. Eu juntava um grupo de pessoas que também faziam parte e era bem distante, visse? Chegávamos lá extremamente cansadas, mas realizada, pois eu estaria fazendo uma coisa que eu gosto. Por isso que não tem como não falar das dificuldades que eu passei. É como se fosse passar para as pessoas que não existem dificuldades. Eu gosto de falar que algumas coisas foram muito difíceis porque algumas pessoas podem tentar e desistir achando que é fácil. Existem os locais e os espaços que ocupamos hoje, mas existem dificuldades que são enormes para ocupar esses espaços. Estamos nesses espaços, mas existem pessoas, o tempo todo, querendo nos empurrar, nos tirar dali”.

Para além dos processos que a levaram à uma marginalização social e exclusão de oportunidades, Thayná nos relata o quanto há de potencialidades em seu corpo, e como a partir dessas potencialidades ela consegue superar as expectativas que foram criadas sobre a sua vida. Desse modo, Thayná demonstra o quanto somos potentes no que fazemos.

“Eu hoje sou coreógrafa de espetáculo de dança, de quadrilha junina... épocas culturais de carnaval, época junina e natalina, eu coreografo o que você quiser! Mas isso não quer dizer que eu tenha espaço em todos esses ciclos. Porque é muito difícil ser reconhecida. Algumas pessoas me questionam: você tem diploma? Você tem uma faculdade? Eu sempre falo: eu tenho um pouco mais do que isso, eu tenho toda a carga da cultura e tudo o que eu faço sai da minha cabeça. Então, se saiu da minha cabeça, o mérito é meu. Eu até viajei, com um grupo que coreografei, para o Rio de Janeiro, para participar de um programa muito conhecido chamado Esquenta, da Rede Globo, apresentado por Regina Casé. Foi um grupo de quadrilha. Tudo foi passado por mim, a estrutura, as movimentações, o comportamento”.

Quando questionada sobre o processo de ser inspiração para outras mulheres trans e travestis, Thayná nos relata:

“Eu tenho um desejo muito grande e é do coração... é de conseguir chegar num patamar de gerar e criar inspiração para outras meninas e outras pessoas. Não só por ser importante, eu não dou a mínima pra isso. Eu faço as coisas porque eu gosto, porque quero fazer. Não é por status. Algumas pessoas já chegaram pra mim para dizer que se espelhavam em mim dançando, na minha postura de local onde eu estava ocupando. Inclusive isso instigava muitas mulheres trans a dançarem e participarem dos grupos de dança por saberem que quem estava na frente daquele grupo era outra mulher trans. Mas eu não sei se estou conseguindo chegar neste patamar de inspirar outras pessoas, outras mulheres. Eu não tenho esse controle, eu não consigo te dizer com toda certeza. Algumas pessoas já chegaram pra mim para dizer que sou inspiração. Isso me mostrou que estou no caminho certo, que eu deveria continuar. Se eu na minha vida toda inspirei 1 (uma) pessoa, já é uma grande vitória. Se existir outras pessoas que se inspiram no meu trabalho, é muito gratificante. Mas eu tenho a certeza que eu consigo inspirar, nem que seja 1 (uma) pessoa, em cada espaço que eu passo”.

Por fim, estas entrevistas me encorajaram e continuam reverberando em mim. Evidenciar as potencialidades de mulheres trans e travestis é uma maneira de combater as tentativas de aniquilamento da população trans pelo CISTema Colonial Moderno de Gênero. Estamos numa luta onde todas nós somos protagonistas das nossas histórias, estamos construindo outros modos de existências, estamos vivas e continuaremos resistindo ao CISTema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre as minhas experiências e as experiências das minhas irmãs num formato de pesquisa acadêmica trouxe à tona gatilhos mentais extremamente dolentes. Escrever sobre as vivências de pessoas trans e travestis dentro de um âmbito excludente me fez chorar por dias. Isso me fez desacreditar no meu futuro, na formação acadêmica e na continuidade dela.

Sou a primeira pessoa da minha família a me formar no ensino superior, e no meu caso, numa universidade pública. Esta monografia é resultado das minhas potencialidades, é uma maneira de resistir ao CISTema, é um ato político. Sou mais uma travesti que consegue concluir o ensino superior no país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo. Isso deve ser celebrado.

Com esta pesquisa consegui mover estruturas, aprendi e conheci inúmeras outras travestis, que ao longo dos anos vem contribuindo com a produção das epistemologias travestis. Tenho certeza que consegui emergir outros saberes, aprendi a importância de continuar apesar dos problemas existentes em minha vida. Pretendo seguir na vida acadêmica, quero fazer o mestrado, ainda não sei em qual programa, mas farei.

A partir das entrevistas com as compreendi que as nossas potencialidades são mais importantes do que fixar nos relatos de transfeminicídios, é importante falar como denúncia, mas precisa de outros temas para nossas rodas de conversa, precisa contar umas para as outras sobre as nossas conquistas, como esta por exemplo, partilho com vocês a minha formação num curso superior

Esta pesquisa abre caminhos para que outras possam escrever sobre seus processos, mesmo que sejam traumáticos, mas que falem de suas vivências e de como o nosso corpo consegue criar fissuras no CISTema Colonial Moderno de Gênero. Aponta também para a utilização dos nossos corpos como instrumento de desobediência no enfrentamento da exclusão, da marginalização, da falta de acesso à educação, à saúde e à cultura. Caminhos foram criados, vozes ecoaram, estruturas foram desconstruídas e, mesmo que tentem nos impedir, não iremos nos calar.

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.) **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020** – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BENEVIDES, Bruna G, **The situation of violence against afro-lgbti people is invisible and systematic in Latin America.** Disponível em <https://raceandequality.org/english/the-situation-of-violence-against-afro-lgbti-people-is-invisible-and-systematic-in-latin-america-activists-warn-the-iachr>> Acessado em 25 jul. de 2021

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Ancestralidade sodomita, espiritualidade travesti.** Piseagrama, Belo Horizonte, número 14, página 40 - 47, 2020. Disponível em: <https://piseagrama.org/ancestralidade-sodomita-espiritualidade-travesti/>> Acessado em: 04 ago. 2021.

FAVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 7, n. 12, p. 1-22, 27 fev. 2020. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18520>> Acessado em: 04 ago. 2021.

GREEN, James N. QUINALHA, Renan. **Ditadura e homossexualidades:** repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos - SP: Edufscar, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.diversidadese sexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>> Acessado em: 04 ago. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. **Revista Docência e Cibercultura.** Rio de Janeiro, v 3, n 1, p. 250-260, 2019. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/41817/0>> Acesso em: 04 ago. 2021.

LEAL, Dodi. T. B. **Performatividade Transgênera: equações poéticas de reconhecimento recíproco na recepção teatral**. 2018. 534f. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MOIRA, Amara. **Travesti ou mulher trans: tem diferença?**, 2017. Disponível em: <<https://midianinja.org/amaramoira/travesti-ou-mulher-trans-tem-diferenca/>> Acessado em: 04 ago. 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora** - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação**. Salvador: Editora Devires, 2020

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento e Justificando, 2017.

VIEIRA, Helena. **O QUE É SER TRANS?** entrevista com Helena Vieira. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=cSswUvSnPgQ&t=155s>> Acessado em: 04 ago. 2021.